

A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Director,

Vitorino Simões Lopes Sampaio

Propriedade da Empresa de **A Velha Guarda**

Editor,

Alcindo Dias Pereira

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: Rua 31 de Janeiro, 165 — Composto e impresso na Tip. do «Noticias de Fafe»: Rua Monsenhor — FAFE

A questão dos Claustros da Oliveira

CARTA ABERTA

ao Ilustre Director da Escola das Belas-Artes do Porto, Snr. Guedes de Oliveira

—Mente quem disser que o nosso intuito é o de entrar a instalação do «Museu Alberto Sampaio»

Em a sua *Tribuna Livre* de «O Primeiro de Janeiro» o Ex.^{mo} Snr. Guedes de Oliveira, ilustre Director da Escola das Belas-Artes do Porto, vem referir-se ao assunto da instalação do «Museu Alberto Sampaio», e qual magriço da história desce a terreiro para lutar pela boa reputação do snr. Alfredo de Guimarães, bordando á volta deste nome as mais desencontradas opiniões, confundindo e baralhando segundo os informes que colheu ou que lhe foram remetidos pela parte interessada.

Causa piedade a quem tem olhos de vêr, ouvidos de ouvir, e coração de palpitar sob a influência do belo, que para certos casos o jornalismo seja uma formosa construção de frases que se despoje á face da fidelidade e que deixe prevêr a *sem razão* deste levantamento de poeira atirada aos olhos dos beócios que em tudo, mesmo no influxo da asneira, relacionam respeito pela tradição.

Não basta estudar, seguir os sucessivos progressos das ideias segundo as fórmulas que os tratadistas nos legaram como herança; não basta premunir-se a tempo da vernaculidade do estilo que sempre deve ser restaurada e acatada; para discutir qualquer pessoa ou coisa, é suficiente e chega que se lhe reconheçam a audácia ou se confronte com um pouquinho de leitura genuína!...

De resto, palavras são fogos de retórica, refeição succulenta que se ingere mesmo depois de outra refeição!...

Muito embora se tranque ao sól o erro, se reduza a pequenitíssimas proporções a farfalhice do inverosímil, logo a ideologia entesoura a verdade para dar lugar a novos erros e a novas inverosimilidades —verrunão que ao manejar-se perfura sempre e que no passo da sua espiral expêlcisco que é sarandalha de mentiras.

¿Pois como conceber que o nosso intento fôsse o de entrar a instalação do «Museu Alberto Sampaio»?

¿Pois como ajúisar num só artigo a nossa repulsa pelos crimes de lésa-arte praticados pelo snr. Alfredo de Guimarães, e a má administração dos dinheiros que lhe têm sido confiados?

Mente quem disser o contrário! Mente quem afirmar que andamos a fazer o jogo do arcepraste da Colegiada de Guimarães!

Nós acusamos o homem e não o Museu—há que distinguir.

Nós acusamos o homem, e nunca fizemos a defesa do Arcipreste.

O homem, o snr. Alfredo Guimarães, pôde sêr para o snr. Guedes de Oliveira o competentíssimo «nefelibata», o «investigador» profundo, o «arqueólogo» insigne e o *poeta* maviôso; pôde ter copiado, dizemos, escrito livros em prosa castiça, prenhe de clareza e de virtude, com mais ou menos «floridos» ou «sardoeiradas»; apesar disso, para nós é e continuará a sêr um audacioso que, na Escola das Belas-Artes não conseguiria carta, um ignorantão que:

- a) Manda fazer a barragem duma janela que o acaso descobriu e para a qual foi chamada a atenção pelos snrs. architectos Baltazar de Castro e Adães Bermudes;
- b) Manda inscrustar brazões numa parede aonde eles não existiam;
- c) Aplica madeira «Brazil» no tecto dum monumento do século XII;
- d) Parte e faz desmoronar uma cornija exterior;
- e) Faz um irregular assentamento de travês sobre a cachorradada interior dos Claustros.
- f) Estilha em bocados uma pedra tumular que lhe tôra mandada da antiga igreja do Convento de St.ª Clara;
- g) Desperdiça velhas pinturas para se sujeitar áquelas que lhe são apresentadas por um aluno da Escola-Industrial;
- h) Aplica um lambris de *brazileiro* ricanho;
- i) Lambe Esc. 30.000\$00 que o Estado desejava vêr administrados com parcimonia;
- j) Torna-se devedor de Esc. 40.000\$00 aproximadamente aos mestres que lhe forneceram material e operários;

- l) Cala-se e não dá contas dos dinheiros duma subscrição pública feita pela Academia;
- m) Não se pronuncia sobre as receitas duns espectáculos realizados no Teatro D. Afonso Henriques, tais como: sarau do Grupo Dramático Vimaranesense e concêrto do reputado pianista, snr. Viana da Mota;
- n) Some e gasta a receita dum sarau d'arte levado a efeito nos Claustros que se propôs restaurar;
- o) E nega-se a passar um recibo de vinte e tantos contos ao tesoureiro duma comissão angariadora de fundos para a compra de estantes;

Isto já não falando nos dinheiros que pediu emprestado a muitos capitalistas e negociantes de Guimarães nem naquêle outro que ia pedindo aos mestres para a sua cavalgada de... loucura, e esquecidos também os milhares de escudos com que há-de concluir a obra.

Já se vê, pois, em face de tamanho estendal de asneira e falta de seriedade, que razão temos para pedir a substituição do snr. Alfredo Guimarães e exigir-lhe a responsabilidade das contas de sacco que vem fazendo —¿quem sabe?—para seu proveito.

E não nos diga o snr. Guedes de Oliveira que nada percebemos d'arte, só pelo facto de nenhum trabalho termos apresentado em público.

Sabemos muito bem como se tresiê e até como se conquistam lugares só porque se escrevem ligeiras «tribunas» em linguagem mais ou menos de feição aos... ventos que sopram!

E depois, o discutir-se assuntos que desconhecemos, porque muito nos separa a distância, dá sempre origem a que reproduzamos esta anedocta que, embora um pouco aguda em dito, traduz fielmente a resposta que, em tais condições, devemos dar. *De-sejando Alexandre Magno honrar com a sua presença Apelles, entrou na oficina d'este e principiou a falar demasiadamente acerca da pintura, e de tal modo, que Apelles, com brandura cortez, mas picante, foi forçado a dizer-lhe para o calar:*

—Senhor, veja que se ri o moço que móe as tintas.

E dissemos.

Este número foi visado pela Comissão de Censura

“Quer tecnicamente quer administrativamente, quem dirige agora as obras de instalação do Museu Alberto Sampaio, sou eu”.

Architecto Baltazar de Castro.

Coito de critérios não avessos

Por L. COELHO.

I

(Continuação)

Dêsse insustentável estado dos espiritos nasceu a ideia da reacção.

Tudo é vontade, quer na natureza quer no homem.

O problema do mal físico, embora se apresente sob mil formas, nos maiores cataclismos, toma proporções formidáveis de dor e sofrimento, e, para que não provoque um suicidio, obriga os seres a agir, a operar e a excitar-se num esforço, surjam remédios de quaisquer Wundts ou Renouvièrs, apareçam as panacéias de todos os Hartmans e Boutroux.

«A vida não é senão uma caça incessante em que, ora caçadores, ora caçados, os seres se disputam os despojos dum horrível sacco, guerra de todos contra todos, espécie de história natural de dor que se resume assim: querer sem motivo, sofrer sempre, depois morrer, e assim seguidamente em séculos de séculos, até que a crosta do nosso planêta se destaque em minúsculos farrapos».

Nada admira, pois, que a «afirmação de vontade» seja um acto poderosissimo, revelando sempre o desejo de predominio sobre os males existentes, quando é certo que o homem se julga atingir a suprema felicidade ao dar azo á bancarrota, á falência e á quebra de outras felicidades!...

Depois, a ideia que incessantemente lhe escalda o cérebro, que lhe dinamiza o pensamento, que lhe fustiga os nervos, propê-lo a enveredar para o *caminho do desespero* que é a ansia de liberdade, a ponto de o fazer desgraçado e máu, como escreveu Rousseau, lançando-o no desrespeito pelos vícios, pelos latrocínios e pelos desmandos.

A ideia da Pátria supõe a ideia da felicidade.

O primeiro círculo descrito em volta de cada individuo aumenta e é determinado por circunferências concêntricas que são abrangidas pela teoria das ondulações, como se o pensamento se propagasse num meio homogêneo e encontrasse uma superfície reflectora, fazendo de cada *contato* uma onda sonora e vibratória que irémisse em todas as particulas, em todos os átomos do sêr—a Pátria centro das aspirações de liberdade!

—Corriam certos rimbôres acerca dum entendimento que havia entre os elementos revolucionarios de Portugal e Espanha para a união dos dois países num só, havendo quem afirmasse que os acontecimentos de 1817 já tinham obedecido a esses intuitos.

Jornais clandestinos não ocultavam esse pensamento e discutiam já os casos admissíveis duma união ibérica, dando a demonstrar e prevendo até o desagregamento da nossa colônia Brazil.

Tactica? Talvez... O certo é que as persegui-

ções, a política de desvairo que fascinava os governantes e os sintomas assustadores duma enfudação á Espanha—principalmente esta, que lembrava ainda o peso do jugo dos sessenta anos—, concorreram de sobremaneira para uma convulsão das forças vitais da Nação, e inferia disso a certeza de que a breve trecho se operariam graves acontecimentos em Portugal.

—Mas não foram somente os liberais portugueses alvos de ódios e perseguição. Na monarquia vizinha, Fernando VII consentira nas mesmas repressões e que, em tudo, levaram a palma aos absolutistas portugueses.

Es porque a ideia de «união» preocupava tanto uns como os outros liberais, gerando uma apreensão que não era menos amor pela Pátria—menos amor ou traição—, antes, pelo contrário, concebia a formosíssima ideia duma fraternidade sem limites, abolidas as fronteiras, uma fraternidade que de momento fosse o pacto favorável ao desejo de abolição de ódios de raças, o anseio absoluto duns princípios que salvaguardassem os direitos dos cidadãos.

Obras Camarárias

Conforme relato das correspondencias para os jornais do Porto, a Comissão Administrativa resolveu iniciar uma série de obras que vão desde a pavimentação a paralelepípedos de alguns largos da cidade até a continuação das obras do novo edificio dos Paços do Concelho.

Já lá vai mais de mês, e nas obras novas vemos somente 3 pedreiros em trabalho—o que dá a impressão que andam ali, não por conta da Câmara, mas por conta de qualquer particular baírrista que deseja concorrer para aquelas obras de *mota-própria*.

De resto, só larachas, trêtas e lérias... para encher espaço de jornais e fazer correspondencias pomposas.

Pobre terra!

Nada de confusões

Em o n.º 4374 de 10 do corrente, «O Comércio de Guimarães» acusa a recepção dum suplemento de «A Velha Guarda» respeitante á questão da Estação-Postal de Vinhas que um nosso colaborador discutiu nas colunas do nosso jornal e onde é visado um individuo de Vizela.

Ora, como se não trata dum suplemento, mas sim dum panfleto que transcreve trechos dos artigos publicados não só no nosso jornal mas também d'outros, lembramos ao velho colega local que nada temos com tal manifesto.

E para que não hajam confusões, aí fica a respectiva rectificação.

Que os monárquicos dizem do seu Rei

Trechos de um livro de memórias de um antigo ministro da monarquia

(Conclusão)

El-Rei manda!

Pois haveria alguma circunstância na minha vida que me obrigasse a sustentar as pretensões de um Rei nestas condições?

Depois, apreciando ainda as ordens do rei e a doutrina de que o monarca depõe manda, o sr. Vilhena afirma que, se estivesse no partido manuelista e D. Manuel teimasse em ingerir-se na vida interna desse partido lhe diria:

—Enquanto Vossa Magestade goza o socego doméstico; enquanto usufrue os rendimentos da Casa de Bragança; enquanto enche até aos tectos os palácios das suas propriedades particulares com os objectos reclamados com tal usura, que parece que Vossa Magestade perdeu a esperança de voltar á sua terra e não pretende a Corôa, mas somente a mobília; enquanto lança os olhos litigantes até para o quadro de Holbein, esquecendo que é a obra de arte que mais cara custou á Nação, porque a pagou com Tanager e Bombaim, que a dona levou na corbelha nupcial; enquanto procede como quem numa liquidação de bens nos oferece as ultimas despedidas, alguns de nós, expulsos dos seus lares pelo seu amor á Monarquia estendem a mão á caridade pública e tem mulher e filhos na mais comiserante das situações. E quando pedem esmola ao seu Rei, por quem perderam o pão e se expuzeram á morte, Vossa Magestade responde-lhes: «Não pode ser, porque tenho avultadas despesas e a vida em Londres é cara!».

Deixe-nos, pois, Senhor! dirigir o partido monarchico á nossa vontade.

Depois, o sr. Julio de Vilhena, dirigindo-se em carta aberta ao sr. Moreira de Almeida diz:

Sua Magestade está convencido de que não é a mão nacional que o há-de colocar no trono. mas sim a mão internacional, guiada pela estúcia do seu fiel amigo.

E por isso confia mais nos jantares do sr. Asquith, nas conferências que lhe prepara o sr. Soveral, e em muitas outras circunstancias que é desnecessário referir especialmente, do que nos artigos de V. Ex.^a, ou ainda em qualquer tentativa revolucionaria aqui realzada.

Mas isto não passa de uma ilusão infantil, concebida pelo sr. D. Manuel e alimentada por alguns dos seus defensores. As potencias não impõem Reis á nações que não os querem. Podem proteger candidatas na criação dos reinos, como na Noruega, ou indicar candidaturas, como em Espanha depois da expulsão de Izabel, mas isso acontece somente quando os países desejam a forma do governo monarchico.

A imposição de um imperador ao Mexico custou muito caro á França, e mais ainda ao pobre Monarca de posto.

Supôr que da conferência da paz sai a Monarquia em Portugal, ordenada pelas potencias, só cabe em cabeças desasistadas. Que tem a Conferencia com a forma de governo em Portugal? Foi ela que perturbou a paz da Europa? Em que contribuiu para a Grande Guerra?

E se alguma nação pretendesse ingerir-se na administração interna do país, qual o meio pratico de desaposar a República?

Uma occupação militar, sustentando o novo trono?

Mas isso era o maior ataque

Com que direito?

Os de Braga, na véspera de S. João, receando que lhes tirássemos a freguesia, ordenaram que os automóveis só pudessem transpôr a barreira de Guimarães, depois das 2 horas.

E' espantoso, mas é verdade! Os de Braga, na véspera de S. João, receando que lhes tirássemos a freguesia, ordenaram que só depois das 2 horas da manhã a barreira da entrada de Guimarães se abrisse para os automóveis, ameaçando de multa quem tentasse sair—o que não fizeram para as outras barreiras das estradas que vão para os diversos concelhos!

Com que direito, se proibiu tal?

Não desejamos culpar Braga pelo que fizeram as suas autoridades nem tão pouco queremos tornar tensas umas relações de amizade que devem perdurar.

Contudo, achamos caricata e de pouco senso a efectivação desta «guerra» incruenta de rivalidades festivas, quando a verdade é que não desejariamos impôr aos nossos o que os de Braga impõem aos estranhos.

A' bon entendeur...

Não por nós, mas pelo povo que não comprehende estas coisas e depois dá azo á applicação do velho aforismo:

«De Braga, nem bom tempo, nem bom casamento».

Terminemos de vez com farças que caíram em desuso e que só dão origem a pateadas retumbantes e formidáveis!

Lembrem-se que uma época houve em que Guimarães reagiu profundamente, não receando sequer os ferreiros da rua da Ponte.

De acôrdo

O nosso presado colega local «Pro Vimarane» em seus Ecos, Notícias e Comentários veio referir-se ao assunto do Museu Alberto Sampaio, alvitrando que se faça uma sindicância aos actos do pseudo-director, como melhor maneira de se acabar com questiumculas.

De acôrdo, plenamente de acôrdo, caro colega.

E' isso mesmo o que desejamos ver levado por diante.

Ele tem sido tanto crime e tanto desperdiçar de dinheiros, que o illustre arquiteto, sr. Baltazar de Castro se viu na contingência de assumir a direcção daquellas obras, quer técnica quer administrativamente, depois de ter tido necessidade, como éle próprio o confessou a um vimaranense, de mandar desfazer, para fazer de novo obra, certa tolice do sr. Alfredo Guimarães.

E' isto mesmo, embôra pése á solércia de certos correspondentes que mandam comunicados para os jornais para «desfazer insídias».

E já que pede que terminemos com a campanha aguerrida que vimos fazendo, creia que satisfazê-lo-hemos, uma vez que os malsinadores de intentos e a velhacaria da carpideira «alealtesca» não voltem a estadear-se donairosos e insolentes. Até ver...

que poderia fazer-se á independência da Nação!

O brio português não sofreria um vexame e uma violencia desta ordem.

Em resumo: o sr. Julio de Vilhena, sendo monarchico, pensava neste caso exactamente como nós, que somos republicanos.

Hoje, ninguem, de fóra, impõe a um povo este ou aquêl regime.

Cada povo tem o regime que quere. Ou que merece. Porque tambem há casos assim...

Da «República».

Fogueiras de Junho

(Ao Ex.^{mo} Snr. Dr. Eduardo de Almeida, respeitosamente)

LEÃO MARTINS é um moço que amiudadas vezes se lembra com saudade da sua terra e que, longe, a honra de sobremaneira. Não foi sem uma certa emoção que recebemos as suas quadras, e que gostosamente as publicamos. LEÃO MARTINS vive no nosso coração como poeta e como amigo. Lêmo-lo ansiosamente e apraz-nos recordar as estradas dos seus versos, dum sabôr regional tão tipico, que temos pena de o não contar entre o número dos nossos assíduos colaboradores, para maior glória deste rincão soberbo que é Guimarães.

Pela sua lembrança, muito obrigado.

Mez de Junho é de fogueiras, Santos, dansas e cantigas, E de fáceis ratoeiras Armadas ás raparigas...

Ao S. Pedro, há poucos anos, Um medo se lhe meteu: —Receia que os aeroplanos Levem-lhe as chaves do Céu.

E ao S. João lá de Braga, —Que tem feito maravilhas,— Rogou-lhe um velho uma praça, Por casar-lhe mal as filhas.

Santo António de Lisboa —Tão sorridente e gentil,— Não casa noivos (é boa!), Sem os papeis do Civil.

S. Pedro, quando barqueiro, Transportava povo em massa; Cobrava ás velhas dinheiro, As môças—iam de graça...

De tantos santos, o povo Põe S. João em destaque; —Será por ser o mais novo Que éle tem a maior claque?

Santo António de Lisboa Deixou o posto das tropas, Pra comandar um exército De latagões e cachopas...

S. João defende, advoga Vida livre aos namorados; S. Pedro—juiz sem toga,— Condena, exige-os casados.

O cura da Boa-Hora —Um velho santo—e, ao cabo, Conta das mulher's de agora Coisas feias do diabo!

Como Jesus, Santo António Dizia aos noivos: «Amái-vos, Se vos tentar o demónio, Casai-vos, multiplicai-vos».

S. João das Fontainhas Nem sempre a todos regala; Vendo na igreja mocinhas, —Fica sem jeito e sem fala.

S. Gonçalo (Deus o tenha Lá, muitos anos, sem nós!), Tirava teias de aranha —Casando velhas avós.

S. João casa os amados, Salva-os das vidas dos erros; S. Pedro faz batizados; —Falta o Santo dos enterros.

Trez santos o povo crêa, Em Junho, com devoção: —Santo António de Lisboa, O S. Pedro e o S. João.

E se, também, neste mez, Festejasse o S. Martinho, Até Setembro talvez, —Não haveria mais vinho!...

Rio de Janeiro, 1930,

Leão Martins

Lêde e propagai

«A Velha Guarda»

Ainda a E. Postal de Moreira de Cónegos (Vinhas)

Aos snrs. societários da «Cuca»

Enquanto se não tem senão a industria como garantia do capital, tem-se apenas uma renda muito incerta, mormente se a gerencia péca em entretenimentos alheios aos seus deveres, deveres tão caramente pagos, jámais em época de crise como a actual, que não permite exorbitâncias.

Os capitais que, numa hora de aventura, os srs. calistas destinaram á «Cuca», alçaram á realidade uma industria e nela crearam uma gerencia, que é soberbamente paga, exigindo-se dessa gerencia uma assistencia constante e cuidada, e sempre livre de preocupações com assuntos estranhos aos interesses da fábrica.

E, como é passado já o momento das vacas gordas, —não havendo agora fundamento para a continuação de logares a milhares de escudos mensais,—justo é que o ordenado do sr. Magalhães, que é chorudo, o obrigue ao mais aturado estudo e á mais completa assistencia aos complicados serviços do seu fabrico, para que os balanços anuais sejam animadores e não resulte o que desgraçadamente se tem visto: um miserável dividendo de dez por cento aos sócios, havendo sido consumido em gerencia e percentagem o melhor de muitas dezenas de contos!!! Não deve ser!

Mas, se assim é, exige-se que o gerente, que tanto vai absorvendo em duodécimos, se comporte como um bom empregado, sempre chumbado aos serviços que tão ricamente lhe pagam.

O sr. Magalhães não é, nem foi jámais, um messias na industria deste concelho. Necessita, pois, de concentrar toda a sua desvantajada personalidade no ardoroso exercicio do seu cargo, e bem de quem lhe paga, e para que o engrandecimento da fábrica possa manter-lhe a reudosa colocação que vem disfrutando.

Magalhães, porém, vai queimando energias em assuntos alheios aos interesses da «Cuca»!

—Categoricamente affirmo aos srs. societários, e a todo o público, que foram tendenciosamente chamados ao escritório, ao empregado Almeida, operários, ou pessoas de suas famílias, antes de deporem contra o encarregado da E. Postal de Vinhas.

Pode Magalhães garantir-nos que o não sabia... Nós nem a chuço o podemos crer; mas, na peor das emergencias que gerente é éle que não vê, ou não quer vêr o que se passa??

—Que anda um gerente a fazer, em passeios a Braga, abandonando a fábrica e fazendo-se acompanhar do Soares, do reverendo, e do correspondente??

Será para vender riscados??...

—Para que andam a correr a freguesia, durante dias consecutivos, frês empregados da fábrica, angariando assinaturas numa grande perda de tempo??

A gerencia pode ser alheia e vêsga a estes demorados serviços??

Eles dizem, com toda a franqueza, que andam de mando do sr. Magalhães...

Uma gerencia,—queimando assim as suas energias em campos alheios,—torna-se a culpada causadora dum dividendo pobre e necessário é, talvez, substitui-la a tempo!...

Tudo quanto aqui se refere, não mordemos a lingua para o afirmar, tanto nesta pública tribuna, como em todos os tribunais.

Abram os olhos os srs. catistas... e zelemo que é seu, como verdadeiros dónos...

E, se a gerencia anda preocupado com o que lhe não compete, chame-se o conselho fiscal á ordem, ou reúna-se a assembleia geral para se ponderar no processo a seguir.

As coisas, como correm, não vão bem, devendo fazer-se subir o termómetro do dividendo de 10 a 20 por cento, para não ser muito!

O que se passa não é de molde a abonar os bons créditos duma gerencia assídua e inteligente, e o sr. Magalhães só será um super-homem quando alijar de si a vaidade em que anda imerso, correr os engraxadores que lhe puxam ao lustro, e...

promover centripetamente toda a sua actividade na exclusiva utilidade da fábrica que generosamente lhe confiaram.

Arripie caminho!... porque, se continúa na velocidade adquirida, tocará em breve as balizas do arrependimento.

E então, meu amigo, já será tarde!

BISTURI.

P. S. — Só agora chegou ao nosso conhecimento a parte activa que o reverendo Armindo José Fernandes Dias tomou na infamíssima campanha contra o depositário do correio de Moreira de Cónegos.

Em números seqüentes vamos desmascarar os trucs deste levita, apresentando-o ao leitor tal qual éle é: —Bachante, devasso, obsceno e pretensu ratoneiro da propriedade alheia.

Conte com o nosso látego o illustre caganeta. E... recebam as ameaças.

B.

PHILIPS RÁDIO

Bernardino Jordão, Filhos & C.^a

GUIMARÃES

Assina! «A Velha Guarda»